

OS ESTEREOTIPOS
COMO REPRESENTAÇÕES
DA PRECARIEDADE :
ESBOÇO DE UMA
FILOSOFIA DO ESTIGMA
(BELL HOOKS,
SIMONE DE BEAUVOIR, JUDITH
BUTLER)

Cécile Lavergne, Université de Lille, STL

Tradução de Paola Scheifer

Em um texto extraído de sua coletânea *Sister Outsider*¹, Audre Lorde, poeta afroamericana relata uma história edificante: a cena se passa em 1967; ela empurra sua filhinha de dois anos em um carrinho no supermercado, e no trajeto, uma menininha branca fala para sua mãe: « Mommy, a baby's maid ». A mãe silencia a criança, mas não a repreende. A lembrança desse riso da criança, mais de dez anos mais tarde, continua a atormentar Audre Lorde e a faz sofrer. Estamos lidando aqui com a projeção de um estereótipo que articula estreitamente estigmatização racista e estigmatização de classe. Para a criança branca, uma negra não pode ser senão doméstica. O que horripila além da dimensão racial, é a compreensão tácita da criança de que as mulheres negras estão encerradas em um « destino social », aquele da domesticidade, herança do passado escravista.

Essa anedota mostra que os estereótipos, essas representações coletivas tipificadas (do grego *stereos*, fixo, rígido), podem não somente ter modos de « viralidade » amplos – eles podem até penetrar o discurso de uma criança, eles podem agir sobre uma temporalidade bastante longa, mas também parecer dotados de um poder específico: primeiramente o de produzir uma ferida simbólica durável, ligada a uma situação de humilhação, de dominação estatutária; em seguida, o poder de revelar a vulnerabilidade da autora a esse estereótipo, sua exposição enquanto mulher Negra ao que é **vivido como um insulto**; o poder enfim de expressão de mitos solidificados e compartilhados, de um imaginário de opressão.

Esse poder do estereótipo revela uma precariedade dupla que testemunha a maneira diferencial pela qual é reconhecido « o que faz uma vida » para parafrasear Judith Butler: precariedade da identidade da autora, Audre Lorde, diante do poder da interpelação do insulto; precariedade mais fundamental, naquela de seu corpo habitado pela memória daquela relação de desprezo muitos anos depois. Recupera-se aqui dois sentidos do conceito de precariedade (*precarity* e *precariousness*) formulados por Judith Butler: o

¹ « Do uso da cólera: a resposta das mulheres frente ao racismo ». Discurso de abertura pronunciado em junho de 1981 por ocasião da conferência da associação nacional dos estudos feministas à Storrs em Connecticut. In *Sister Outsider, Essais et propos sur la poésie, l'érotisme, le racisme, le sexisme...*, Edições Mamamélis, Genève, 2003, p. 133-144.

primeiro faz referência à situação social de seres privados (as) dos « suportes » relacionais e sociais que tornam a vida vivível e atestam para o fato de que ela importa (*precarity*). A segunda refere-se à situação existencial de seres que não podem tornar-se sujeitos senão pela condição de serem interpelados (as) pelos nomes linguísticos e sociais ; essa *precariousness* é uma condição comumente compartilhada, enquanto a *precarity* é distribuída de maneira diferenciada². Essa concepção dupla, é necessário precisá-la, não anula a ideia de agentividade do sujeito³, mas necessita repensá-la no âmbito de uma antropologia da precariedade, de um sujeito humano que não é de antemão soberano, autônomo, conquistador, mas frágil, aberto a uma exposição permanente ao mundo, aos outros, e às normas da vida social e política.

Notamos que nem todos os estereótipos são portadores de um poder de ferir e de insultar; eles podem ter um alcance crítico, especialmente quando eles são colocados em cena, dissecados, passados pelo crivo do humor, na ficção literária ou cinematográfica. O realismo de um Balzac, o naturalismo de um Zola, não têm por finalidade reforçar os estereótipos que eles colocam em discurso, como aquele do financiador, da esposa inconsolável, do bem sucedido, mas de elucidar os recursos sociológicos e psicológicos. Somos obrigados a reconhecer que os estereótipos negativos podem também operar nas produções da indústria cultural, reforçando e « naturalizando » as relações de dominação – como demonstra o célebre *Autant en emporte le vent*, de Victor Fleming (1939). Uma filosofia do estigma se dá pela tarefa de investigar sobre os estereótipos negativos que participam de um de um tal processo de naturalização da dominação. Enquanto o estigma serve a descrever, como o lembra o sociólogo Erving Goffman, « um atributo que lança um descrédito profundo⁴ » sobre aquele ou aquela que se projeta. Ele é uma categoria relacional, que funciona interligado de significações diferenciais. Para os Gregos, ele se referia às marcas corporais destinadas a expor aquilo que havia de detestável no status moral de uma pessoa. Gravadas à navalha ou a ferro em brasa, essas marcas exibiam os corpos golpeados de infâmia. ***Escrever os estereótipos, é necessariamente aboli-los como « estigmas » ?*** Proponho-me a explorar essa questão com bell hooks e Simone de Beauvoir, que dão pistas para compreender os estereótipos negativos de feminilidade como representações dessa dupla precariedade. E é justamente em razão dessa dupla precariedade que a escrita crítica do estereótipo pode trazer efeitos de reflexão sobre as estruturas da dominação.

1. ESTEREOTIPOS NEGATIVOS : QUAIS REPRESENTAÇÕES DA PRECARIIDADE ?

No segundo capítulo de sua obra de 1981 *E eu não sou uma mulher : mulheres negras e feminismo* [*Ain-t I a woman ? Black Women and Féminism*, 1981] a teórica afroamericana bell hooks propõe uma história social crítica dos estereótipos negativos da feminilidade negra, desde a abolição da escravatura (1865). Ele fornece conteúdo para conceitualizar diferentes representações da precariedade trazidas pelos estereótipos negativos. Sua análise salienta uma epistemologia interseccional : a autora não mostra apenas que os estereótipos da feminilidade negra estão incorporados nas relações sociais do sexo, mas que eles são também os herdeiros das relações sociais de raça, que perduram mesmo depois de abolido o sistema escravagista. Em seus conteúdos, os estereótipos da feminilidade negra não parecem todos se referir a uma precariedade da vida e dos corpos das mulheres – como demonstra o estereótipo ambivalente da matriarca, que carrega significações de força e de poder associadas às mulheres negras. A análise de bell hooks revela que todos eles participam, interligados, de um imaginário comum de opressão que serve a « naturalizar » a dominação.

A primeira forma de estereótipo que bell hooks aborda é o da « selvagem sexual », que encontra suas raízes na escravidão : **[1]** « As mulheres e os homens brancos (as) justificavam a exploração sexual das mulheres negras afirmando que essas últimas eram as iniciadoras das relações sexuais com os homens. É desse pensamento que emergiu **o estereótipo de mulheres negras como selvagens sexuais, e segundo a norma sexista, uma não-humana, uma selvagem, não pode ser violentada.**⁵ » Esse estereótipo designa as mulheres negras como desprovidas de dignidade, reduzidas ao status de animal ; sua sexualidade monstruosa mantém

² Judith Butler, *Ce qui fait une vie, Essai sur la violence, la guerre et le deuil* (2009), Paris, Zones, La découverte, 2010, p. 7.

³ Marie Garrau, « Agentivité ou autonomie ? Pour une théorie critique de la vulnérabilité », *Genre, sexualité & société* [En ligne], URL : <http://journals.openedition.org/gss/6794>; DOI : <https://doi.org/10.4000/gss.6794>

⁴ Erving Goffman, *Stigmaté, les usages sociaux des handicaps* (1963), Les éditions de minuit, Paris, 1975.

⁵ bell hooks, *Ne suis-je pas une femme*, 2015, Cambourakis, p. 105. Ela prossegue : « o que isso significa nos termos da política sexual da violação, é que se uma mulher branca é violada por um homem negro, isso será considerado como mais importante, e mais grave, que se milhares de mulheres negras forem violadas por um homem branco » (*ibid.*)

sua selvageria. Em seu conteúdo, esse estereótipo é então profundamente ofensivo e desumanizante e chama a violência potencial do violador - ele fornece em todo caso um tipo de justificativa e de autorização à depredação sexual do corpo das mulheres negras.

Remontando ao período da reconstrução negra (Black Reconstruction 1877-1897) bell hooks mostra que os estereótipos funcionam como estigmas que encerram as mulheres em uma identidade depreciada⁶: aquela da « Jezabel » em particular, a mulher fácil – do nome de uma personagem bíblica do Antigo Testamento, princesa perversa e maléfica, que desvia seu povo de Deus⁷. Dois outros estereótipos vão estruturar a mitologia da feminilidade negra no século vinte, estando amplamente difundidos, na imprensa, na rádio e no cinema: trata-se em primeiro lugar da « Safira », estereótipo da feminilidade colérica, malvada, perversa, tipo de transposição da figura cristã de Eva⁸; e em segundo lugar da Mamma, tia Jemima, representação feminina do tio Tom: a ama ou a doméstica gironde, obsequiosa, a serviço dos cuidados e dos interesses dos (as) brancos (as) bell hooks menciona numerosos programas televisivos de sucesso que permitem a repetição e a viralização desses estereótipos: a sitcom *Detective School* onde a mulher negra é ridicularizada por sua feiura e seu mau humor, ou ainda, *What's Happening !!* (1976-1979 no canal ABC) onde mesmo a menininha negra é representada como uma safira em miniatura.

A Jezabel, a Safira e a Mamma constituem assim uma trilogia da feminilidade passiva, desprovida de autonomia, de inteligência e de vontade própria, **trilogia de figuras da precariedade** (no sentido de *precarity*). [2] « a desvalorização calculada da feminilidade negra não foi somente a consequência da raiva racial, segundo bell hooks, foi também um dispositivo de controle social calculado.⁹ » Esse controle social que procura descrever bell hooks não concerne unicamente a um sistema de opressão racial e racista, mas também patriarcal. É o que comprova o **estereótipo do matriarcado negro**, mais insidioso, na medida em que prevale a adesão consciente e voluntária de algumas mulheres negras. Ele não demonstra aparentemente uma figura da precariedade. Sua significação aparente é que as mulheres negras, longe de ser oprimidas, monopolizam o poder social e político em suas famílias e de suas comunidades.

O estereótipo do matriarcado remete a uma potência prática das mulheres negras, um poder duplamente ameaçador porque ele entra em contradição com a ideologia patriarcal e a ideologia racista. [3] « Muito antes de os sociólogos perpetuarem teorias sobre a existência de um matriarcado negro, explica bell hooks, os proprietários brancos criaram um corpus de mitos para desacreditar as ações das mulheres negras; um desses mitos residia na ideia que elas eram todas **criaturas sub-humanas masculinizadas**. As mulheres negras provaram que elas eram capazes de realizar trabalhos qualificados como « masculinos », que elas eram capazes de suportar os sofrimentos, a dor e a privação, mas eram igualmente capazes de realizar tarefas ditas « femininas » tais como a limpeza, a cozinha e educar as crianças¹⁰ ». O estereótipo do matriarcado negro tem por função recodificar o sentido da força física e da potência de agir das mulheres negras herdadas do período escravagista. Ele não funciona tanto como um insulto quanto uma reinterpretção naturalizada do poder de agir das mulheres. Se elas são poderosas, é porque elas são criaturas a meio caminho entre a natureza e o masculino. Não sendo verdadeiramente mulheres, elas não ameaçam o patriarcado branco. Mas um pouco mais masculinas, elas debilitam os homens Negros¹¹. bell hooks desconstrói essa pseudo teoria do matriarcado negro, mostrando que ela não corresponde em nada à situação social e política das mulheres negras nos Estados Unidos, na medida em que elas fazem parte das populações mais precárias do ponto de vista social, político e econômico.

Os estereótipos fazem sistema e funcionam assim de maneira diferencial, tornando complexa a questão da resistência. Compreende-se então as palavras da escritora negra americana Toni Morrison na alocação que fez por ocasião do recebimento do prêmio Nobel de Literatura em 1993: « a linguagem da opressão faz mais do que representar a violência; ela é violência. » Comentando esse

⁶ A força desses estereótipos racistas é além disso reforçada e difundida pela própria justiça através do sistema Jim Crow. bell hooks faz referência ao caso de uma jovem mulher empregada como uma cozinheira por uma branca⁶, que perde seu lugar por ter recusado e ter denunciado os assédios de seu empregador branco (nos anos 1900). Seu marido que fez a queixa será condenado a uma sanção, o juiz declara publicamente « esta corte jamais acreditará na palavra de um negro contra a palavra de um homem branco ».

⁷ Uma outra personagem de mesmo nome aparece também no Novo Testamento, no livro do Apocalipse.

⁸ A imagem de Safira foi popularizada segundo bell hooks pela emissão radiofônica e televisiva *Amo's'n Andy* (1930-1950): ela é a mulher irritante e amarga de Kingfish. bell hooks, *Ne suis-je pas une femme ?*, op. cit., p. 149.

⁹ *Ibid.*, p. 115.

¹⁰ *Ibid.*, p. 130.

¹¹ *Ibid.*, p. 136.

discurso, na introdução de *O poder das palavras*, Judith Butler explica que a linguagem « não é um substituto à experiência da violência ». (p. 29)

Essa compreensão da violência dos estereótipos coloca em jogo, uma teoria da violência simbólica, como a definiu o sociólogo Pierre Bourdieu, é uma violência paradoxal porque ela age através das disposições e capacidades de agir dos próprios corpos¹². Dito de outra forma, o modelo da tomada de consciência, de uma reflexão teórica não basta para criar as condições de uma libertação.

A categoria performativa, tal como a reproblematisa Judith Butler após Austin¹³ permite então designar alguns estereótipos como dotados de um poder específico : « Esses enunciados, explica Judith Butler, fazem o que eles dizem no momento próprio da enunciação ; eles não são somente convencionais, mas também « rituais e cerimoniais ». Dessa forma, eles não produzem somente danos morais, eles têm uma ação sobre a materialidade dos corpos : eles participam da constituição do que se pode chamar uma « **doxa corporal**¹⁴ ». Trata-se de um conjunto de significações incorporadas sob a forma de gestos ou de comportamentos, que informa e transforma a realidade social dos corpos. Essa doxa corporal tem implicações importantes sobre o plano da resistência aos estereótipos. Não é suficiente à jovem negra tomar consciência e criticar o estereótipo da mulher safira ou da Jezabel para poder se libertar. De uma parte, a repetição rotineira e ritualística desses estereótipos, e sua difusão via imprensa e cinema, tornando complexa a constituição de um imaginário alternativo. Mais ainda, esses estereótipos informam o estar no mundo das mulheres que acabam por se perceber através de imagens humilhantes. Um círculo especular torna-se assim o paradigma de compreensão do encarceramento nos estereótipos, produzindo impotência, raiva de si, culpabilidade, tornando a resistência ilusória.

2. ESPELHO ESPECULAR DA ESCRITA DO ESTEREOTIPO : REFLEXÃO SOBRE A PRECARIIDADE ?

O estereótipo não existe senão para colocar o objeto em narrativa, em imagens, pelos sujeitos humanos, ele não flutua, evanescente no céu das representações sociais. No entanto, nossa experiência primeira do estereótipo é a de uma inculcação simbólica e cultural não escolhida. Essa inculcação não consciente dos estereótipos implica que as próprias vítimas podem ser suas melhores propagadoras. Se o pensamento e a escrita estão tomados de estereótipos, é porque eles não são somente um corpus de representação que poderia ser colocado à distância. Eles nos definem, e podem configurar uma certa relação com nós mesmos: é o que mostra Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo*. Eu me apoiarei mais particularmente sobre uma passagem do tomo II onde Beauvoir propõe uma descrição da mulher escritora e de seu narcisismo.

[3] « Obviamente, o eu não é sempre odioso. Poucos livros são tão apaixonantes que algumas confissões: mas é preciso que elas sejam sinceras e que o autor tenha alguma coisa a confessar. O narcisismo da mulher ao invés de enriquecê-la, empobrece-a ; força-a a não fazer nada além de se contemplar, ela se esvazia ; o amor próprio que ela tem se estereotipa : **ela não descobre em seus escritos sua autêntica experiência, mas uma ídola imaginária construída sobre os clichês.** » (*Deuxième Sexe*, Tome II, p. 621)

Segundo Beauvoir, a mulher escritora, diferentemente do homem, é colocada em um jogo especular, aquele de seu próprio narcisismo¹⁵. O narcisismo é pensado como uma das representações típicas da mulher contemporânea, representação que se reporta a uma forma específica de alienação de seu próprio desejo e de sua própria liberdade. A mulher narcísica não conseguiu se emancipar de um desejo de reconhecimento pervertido desde a mais tenra infância. Presa no espelho do olhar do outro, aquele de seus pais, de seus próximos, do mundo social em geral, que lhe fixa uma série de injunções à feminilidade, ela é prisioneira de uma relação com ela mesma em forma de auto reificação : aprende-se com efeito a tornar-se uma « boneca viva », a se enfeitar, a chorar. Dito de outra forma, ela não se ocupa senão como o objeto do olhar do outro, ela não encontra seu próprio valor senão na afirmação desse olhar.

¹² « A violência simbólica, escreve ele em *Méditations pascaliennes*, é essa coerção que não se institui senão pelo intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de concordar com o dominante (à dominação) quando não dispõe, para pensá-lo ou, melhor, para pensar sua relação com ele, de instrumentos de conhecimento que ele tem em comum com ele e que, não sendo a forma incorporada da estrutura da relação de dominação, fazem aparecer essa relação como natural » Pierre Bourdieu, *La domination masculine*, p. 60-61.

¹³ A originalidade de Austin é de ter considerado que a linguagem podia agir no mundo. Em *Quand dire c'est faire*, ele analisa com efeito os aspectos dos enunciados « constatativos » que se limitam a descrever o mundo, enunciados que tem um poder ilocutório : eles contribuem com a efetuação de uma ação. Judith Butler, *Le pouvoir des mots, Discours de haine et politique du performatif*, Paris, Amsterdam, 2004 (1997), p. 23.

¹⁴ Audrey Benoit, *Trouble dans la matière*, p. 313.

¹⁵ O homem não é um ser dividido, « sua vocação de ser humano não contraria seu destino de macho » escreve Beauvoir (p. 590). « Enquanto ele é demandado pela mulher a preencher sua feminilidade de se fazer objeto e presa, significa renunciar as suas reivindicações de sujeito soberano. » (*ibid.*)

Assim, ela se cansa na busca de um amor impossível para ela mesma, que é de qualquer forma seu único horizonte como sua única prisão de realização.

É a razão pela qual Beauvoir julga muito severamente a mulher escritora que se lança em um projeto de confissões. Pois o eu que ela busca descrever não tem nada de autêntico; ele não é senão o espelho dos estereótipos sociais que ela tenta em vão alcançar. O ídolo imaginário que ela adora, seu próprio eu, e que é também um objeto de raiva porque sempre aquém das expectativas sociais, não se reduz em última instância que a uma sedimentação de **clichês**.

O clichê é entendido aqui como colocação de um estereótipo em discurso literário. Não há prova de nenhuma originalidade estilística, de nenhuma criatividade. Ele esgota o estereótipo em uma forma de banalidade formal, através de imagens gastas, corroídas. Ele não permite colocar o estereótipo em cena de maneira crítica, de travesti-lo, de transformá-lo, ele o reforça ao contrário. O empreendimento da escrita não tem nada, a esse respeito, de catártico, ela não libera nenhuma forma de reflexão; ela produz ou reproduz ao contrário um processo de estereotipia. E é o amor que ela própria carrega, no centro de seu narcisismo, que é realmente o motor desse jogo de fechamento estereotipado. **O amor por ele próprio « se estereotipa », escreve Beauvoir; ele se torna ele próprio o princípio da atividade de produção e de reprodução dos clichês.**

O que sugere essa descrição, um tanto caricatural e irônica da mulher escritora, é que a violência do estereótipo está inscrita no centro da construção da subjetividade, no próprio centro do funcionamento do desejo da mulher escritora; não somente do seu desejo de reconhecimento, mas também de seu desejo de criar, de sua libido. Ele irradia de alguma forma todas as suas práticas, mesmo aquelas em que ela poderia ter mais confiança nela, e maior reflexão. A violência repousa sobre uma lógica de auto imposição: quanto mais ela busca se amar em suas obras e suas práticas, mais ela se perde em estereótipos vãos que são a cristalização de normas sociais reconduzindo sua impotência.

A violência do estereótipo é, aqui, aquela que persegue o projeto de escrita, além da prática de todas as pessoas cujas representações coletivas servem a defini-las, são fatores de impotência. **A violência da impotência, representa por excelência a precariedade** (no sentido de *precarity*) mantém a impossibilidade de se pensar, de colocar em discurso sua própria experiência, fora dos estereótipos negativos que lhe são socialmente associados. Mesmo no processo da escrita, os estereótipos aparecem como veículos privilegiados dessa « violência doce, insensível, invisível para suas próprias vítimas¹⁶ » como a designa também Bourdieu em *A dominação masculina*. Como sair dessa « maldição » dos estereótipos-estigmas?

Os estereótipos da feminilidade em *O segundo sexo* (tomo II) fazem o objeto de um empreendimento de dissecação pela escrita filosófica. Eles estão de qualquer maneira desmembrados, já que Beauvoir os decodifica como signos de dominação assim como as práticas, as maneiras de pensar e de se comportar. Beauvoir se livra de uma etnografia fina de vários ideais típicos da feminilidade, partindo de situações vividas: aquelas de criança, da menina primeiramente (primeira parte « Formação »), depois aquela da mulher casada, da mãe, da prostituta (parte II « situação »), passando agora *in fine* as três representações da precariedade das mulheres percebendo sua alienação particular – sua separação de seu poder de ser e de agir: a narcisista, a amorosa e a mística (na parte « justificativa »). Essa escalada produz efeitos de reflexão decisivos sobre os mecanismos sociais e psicológicos pelos quais as mulheres são mantidas, e se mantêm nessas representações de precariedade. Ela consegue assim operar uma filosofia do stigma que não anula os efeitos dos estereótipos, já que eles estão inscritos na profundidade dos corpos e das psiques, mas realizam mesmo assim uma objetificação decisiva. A escrita romanesca de Beauvoir tem consideravelmente nutrido essa filosofia do estigma. Em certo sentido, Beauvoir utilizou, de fato, seus romances como laboratório de exploração dessas diferentes representações da precariedade feminina. Em *Os mandarins* por exemplo, a personagem de Paule, cuja existência inteira gravita em torno do amor que ela carrega por Henri Dubreuil – jornalista carismático e romancista de sucesso, proprietário de *Esperança*, um jornal que havia desempenhado um papel importante na Resistência à ocupação alemã –, constitui um ideal típico de conquista do « amante »: o vazio de seu ser e a inautenticidade de sua existência se mede pela incondicionalidade de seu amor no qual ela se perde inteiramente.

Sem poder dar conta da profusão das análises de Beauvoir, eu me manterei em rápidas observações sobre o estereótipo da lésbica. Figura intermediária e paradoxal, ela carrega provavelmente, mais que a mulher independente, esperanças de libertação, em todo

¹⁶ Pierre Bourdieu, *La domination masculine*, Paris, Seuil, 1998, p. 7.

caso sobre o plano do desejo¹⁷. Se a escrita de Beauvoir não reproduz o poder performativo do estigma, seu poder violento, é porque sua força consiste notadamente em dinamitar a « naturalização ». O capítulo consagrado à lésbica inicia com esta descrição : [4] « representa-se prontamente a lésbica penteada com um feltro seco, o cabelo curto, e engravatada ; sua virilidade seria uma anomalia traduzindo um desequilíbrio hormonal¹⁸ ». Aqui, o estigma mantém os atributos de virilidade marcados pelo selo da infâmia. Eles designam mulheres não definidas pelos atributos clássicos da feminilidade. Esse estereótipo da lésbica « viril » que a leva não somente a ser considerada como uma mulher incompleta e inautêntica, manteria a crença no fato de que ela busca em vão imitar o homem. [5] « o grande mal-entendido sobre o qual repousa esse sistema de interpretação, explica então Beauvoir, é que admite-se que ele é natural para o ser humano fêmea ao fazer de si uma mulher feminina : não é suficiente ser heterossexual, nem mesmo uma mãe, para realizar esse ideal ; a « verdadeira mulher » é um produto artificial que a civilização fabrica como outrora fabricava-se os castrati.¹⁹ » Assim compreende-se que a lésbica não é biologicamente uma fêmea fracassada buscando desesperadamente a virilidade autêntica dos homens ; mas são os estereótipos da feminilidade e da masculinidade – vê-se bem aqui que eles funcionam de maneira associada – que produzem o efeito de castração simbólica que sofre a lésbica, que opera sobre o plano de sua dignidade e da sua liberdade. Se Beauvoir reconhece que essa representação ambivalente da feminilidade pode ser endossada de maneira inautêntica, seja para seduzir de maneira inautêntica, seja para seduzir de maneira deturpada o olhar masculino, seja pela má fé, ela a define no entanto ao final do capítulo como representação possível de liberdade e de liberação da dominação masculina : [6] « é uma atitude escolhida *em situação*, ou seja motivada e livremente adotada. (...) É para a mulher uma maneira entre outras de resolver os problemas colocados pela sua condição em geral, por sua situação erótica em particular.²⁰ » Haveria, então, a possibilidade para as mulheres de sair da maldição do círculo especular dos estereótipos negativos, e de se apropriar, em situação, das escolhas de existência autênticas. Uma filosofia do estigma poderia contribuir para sua compreensão.

CONCLUSÃO. A COLERA COMO RESISTENCIA COLETIVA AOS ESTEREOTIPOS (AUDRE LORDE)

Assim os estereótipos negativos da feminilidade que nós analisamos com bell hooks e Simone de Beauvoir, produzem representações da precariedade das vidas e dos corpos. Seu poder performativo carrega a reiteração de normas violentas que se inscrevem na materialidade dos corpos e reproduzem um imaginário de opressão. O poder ilocutório que relata esses efeitos violentos do estereótipo-estigma sobre os corpos e as subjetividades permite abrir ao mesmo tempo a questão da responsabilidade, e a questão da resistência²¹. **Para Audre Lorde, a coléra tem um poder político de dissolução e de transformação dos estereótipos violentos, e é sobre essa nota de esperança que eu gostaria de concluir :**

[7] « cada mulher possui um arsenal de coléras bem repleto e potencialmente útil contra essas opressões, pessoais e institucionais, que desencadearam elas próprias essa coléra. Dirigida com precisão, a coléra pode se tornar um poderoso recurso de energia ao serviço do progresso e da mudança. E quando eu falo de mudança, eu não falo de uma simples mudança de ponto de vista, nem de um alívio temporário, nem da capacidade de sorrir e de se sentir bem. Eu falo de uma reformulação fundamental e radical desses implícitos que sustentam nossas vidas.²² »

A coalisão das coléras poderia ainda constituir uma terapêutica contra os estereótipos reforçando a precariedade de nossas vidas não reconhecidas, ou insuficientemente reconhecidas, sem anular a dimensão relacional das existências a partir da qual pode-se assumir uma condição de precariedade comum.

¹⁷ Sabe-se da ambivalência da própria Beauvoir relativamente aos seus amores homossexuais, como testemunha a recente publicação de seu romance *Les Inséparables*, romance retratando a amizade amorosa que ela teve por uma de suas amigas da infância, desaparecida prematuramente.

¹⁸ S. de Beauvoir, *Deuxième Sexe*, Tome II, p. 190.

¹⁹ *Ibid.*, p. 195.

²⁰ *Ibid.*, p. 215.

²¹ O estereótipo como estigma pode também ser colocado à distância, neutralizado de qualquer forma, quando um coletivo apropria-se dele para lhe recodificar o sentido. É o que se nomeia « reviravolta » do estigma de onde as comunidades e lutas minoritárias desde os anos 60 se tornaram lugares privilegiados : *queer*, preto, bicha, pode-se assim passar do status de insultos, de infâmia, à reivindicação, orgulho.

²² Audre Lorde, *Sisters Outsiders*, *op. cit.*, p. 136.